



## DO VERSO À VIOLA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA?

João Paulo Fernandes

*Universidade Federal da Paraíba, proesia@yahoo.com*

A sala de aula, dentre outras funções, assume o papel crucial de formar leitores, distanciando-se da reprodução decodificadora de caracteres. No tocante à formação desses leitores, o texto literário ganha relevo quando apresentado em diversos suportes e linguagens, pelos quais o leitor é integrado às possíveis reflexões mediadas pelo professor. Nessa perspectiva, propomos (re)pensar o texto poético a partir de *A Peleja do Violeiro Chico Bento com o Rabequeiro Zé Lelé*, de Fábio Sombra e Mauricio de Sousa, promovendo a educação literária de alunos do sexto ano, metodologicamente, sugerida por etapas que contemplem a recepção do verso em diálogo com a viola.

Palavras-chave: Literatura e ensino, Poesia na escola, Educação literária.

### Introdução

Após quase duas décadas de exercício no magistério, algumas inquietações do passado rondam a memória do presente e parecem aguçar (in)certezas acerca de uma metodologia que se adeque ao Ensino de Literatura, especialmente no que tange ao poema. Os primeiros registros pertencem à memória oral, na qual a poesia estava atrelada às rimas, aos versos e sonoridades, muitas vezes cantadas pelos violeiros e repentistas. Algumas razões em polaridade com as emoções permitem observar que pouca coisa mudou entre o dizer e fazer em sala de aula, já que as práticas docentes estão quase sempre pautadas nos manuais didáticos, os quais trazem os gêneros literários como ilustração para a gramática normativa ou ainda fragmentados, desprezando suas funções estéticas.

O poema, em especial, não foge à limitação didático-metodológica desses manuais. No entanto, qual seria a melhor forma de conduzir os versos no ambiente escolar? Qual a função da poesia? Para Pinheiro (2007), antes de qualquer outro evento, a poesia deve ser lida, apresentada ao aluno, compartilhada, tais ações aguçam o senso poético e, talvez, a mais importante, já que antecede o senso crítico; confrontando a compreensão dada à poesia enquanto jogo de palavras ou gênero menor.

Em desencontro com as sugestões presentes nos livros didáticos que se utilizam do poema, em grande escala, como pressupostos para o ensino de categorias gramaticais, propomos uma metodologia com a poesia que priorize a imaginação e estabeleça diálogos com as vivências, as quais gerem no jovem leitor o hábito da leitura, além de reconhecerem o valor da poesia. Alguns

colegas de profissão podem entender nossa proposta como afronta ou utopia. Por acreditar que é possível um ensino eficaz, no qual a literatura faça parte, não creditaremos delongas aos descrentes. Em consonância, Pinheiro (1995), afirma “que a escola pode ser um espaço de vivência significativa a partir da convivência com textos poéticos, portanto, não só em verso.”, assertiva que respalda nosso argumento de que é possível, sim, haver um ensino sistematizado da Literatura, que tanja o historicismo e os recortes e/ou fragmentos. Mas como isso é possível?

A escola aqui deve ser entendida como espaço de vivência, na qual o texto poético se distancie da prática pretextual para o ensino normativo do português, sem esquecer-se de olhar as condições sociais e formação docente. Considerados esses ângulos obtusos, devemos enxergar as possibilidades de leitura do poema em sala de aula e experimentá-lo, ouvindo seus ecos, os quais reverberam nos sujeitos de modos diferentes, a contar pelos alunos do Ensino Fundamental, já que nessa fase não temos um cronograma de atividades que preveja a leitura literária, especialmente no que tange ao poema.

Longe de tecermos um caminho às acusações, procurarmos culpados ou listarmos inadequações ao Ensino de Literatura, escolhemos por uma metodologia que se adeque ao fazer pedagógico do professor e desperte o senso poético do aluno, além de contribuir nas reflexões sobre a escolha dos poemas e sua adequação aos educandos; tais questões serão pontuadas a seguir, no que tange à metodologia.

## **Metodologia**

A escola, como espaço de institucionalização do letramento literário, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, que função deve assumir? Na tentativa de responder essa questão, há um risco ao pragmatismo, do qual nos distanciamos, uma vez que atribuímos ao ambiente escolar, olhares plurais, pelos quais se organizam dizeres de toda uma comunidade de leitores. Nessa esfera, alunos, professores, pais, funcionários entre outros, devem participar dos eventos de leitura, sistematizando o fazer literário em etapas que (des)constroem práticas e reproduções de atividades muitas vezes pensadas para a hierarquização da gramática normativa.

No entanto, como estabelecer um diálogo nas aulas de Língua Portuguesa, que se utilize do texto literário sem que ilustre as aulas de gramática? Não é uma tarefa fácil, se considerarmos que os

cursos de Letras e Pedagogia ainda negligenciam a formação docente no que tange aos procedimentos metodológicos e/ou discussões teórico-reflexivas entre o texto literário e sua função primeira, que é a fruição do texto. Levando-nos a outro questionamento: como é possível formar novos leitores de literatura em meio a esse desencontro?

Diante desse desencontro, que se vincula à formação docente, mais especificamente com alunos do último período do curso de Letras, durante os primeiros encontros que antecedem o Estágio Supervisionado, fase de regência, em um centro de uma universidade pública da Paraíba, deparamo-nos com as inquietações de como ensinar Literatura. Desafio que se estabelece em escala, já que o professor mediador da disciplina não recebeu a devida (in)formação enquanto aluno da graduação, lacuna preenchida posteriormente em cursos de formação continuada e leituras paralelas à Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado; aspecto que talvez torne a prática docente sensível a esses novos anseios.

Como lidar com essa realidade? Partimos da principal reclamação dos alunos durante o Estágio Docência que se relaciona à ausência do texto literário em face às atividades, nas quais não priorizam seus aspectos, características e possibilidades para discussões crítico-reflexiva, uma vez que há, na verdade, o uso dos gêneros literários como pretexto ao ensino da gramática normativa. Dessa forma, dois aspectos nos motivam a (re)pensar as metodologias para o Ensino de Literatura no Ensino Fundamental: a primeira é apresentar o texto literário em sala de aula, já a segunda se volta para atividades com a poesia a partir da composição artística de Fábio Sombra e Mauricio de Sousa *A Peleja do Violeiro Chico Bento com o Rabequeiro Zé Lelé* (2012).

Situar a leitura literária no contexto escolar nos suscita aos três temas apresentados por Teresa Colomer, no capítulo “A articulação escolar da leitura literária”, de *Andar entre livros* (2007): 1) aulas “que se lê e se fala sobre livros”, 2) alunos (as) “que progridem na sua capacidade de interpretação de textos” e 3) a inserção do leitor em “uma literatura que se coloca na altura da criança” (COLOMER, 2007, p. 101). Tais temas sugerem que os educandos se encontrem com os livros, evento que torna eficaz o planejamento das atividades com os gêneros literários.

Percebemos que o encontro do educando com a obra literária promove o letramento literário e conduz ao entendimento de uma segunda questão que é a necessidade de formar professores leitores, os quais contribuirão, significativamente, na ampliação de novos leitores em idade escolar. Assim, o papel do professor se confunde com a função da escola, unindo

forças para a difusão do conhecimento, de modo que a

experiência com a leitura literária não se restrinja às atividades pensadas pelo professor, mas que promovam o hábito de leitura adulta.

Antes de referenciar que o problema da não leitura literária é causado pelo sistema educacional ou pela condição social da escola, vale pensar na não presença do poema, do conto, da crônica, da novela, do romance, entre outros gêneros literários pode estar relacionado ao não planejamento do professor. Isto é, de nada vai adiantar o objeto físico literário – livros, antologias, bibliotecas – se não houver uma proposta de abordagem de leitura entre alunos e professores; ressaltando que “sem livros não há leitura” (COLOMER, 2007, p. 105), porém, com livros fechados também não há leitura.

Corroboramos com o pensamento de Bordini & Aguiar (1988) quanto à “necessidade de uma metodologia”, de modo que a prática de leitura nos currículos escolares acompanhe a dinâmica social em que os indivíduos estão imersos, articulando-se desde as ideias mais clássicas às contemporâneas. Expostos a essas necessidades metodológicas e temporais, faz-se necessário pensar algumas etapas para a atividade proposta que promova o conhecimento “que deverão ser organizadas a partir de procedimentos conhecidos dos alunos e de seu agrado”. (BORDINI & AGUIAR, 1988, p. 88).

O ponto de vista trazido acima enfatiza o método recepcional, que “[...] é estanho à escola brasileira, em que a preocupação com o ponto de vista do leitor não é parte da tradição.”. (BORDINI & AGUIAR, 1988, p. 81), já que à Literatura reserva-se a historicização, minimizando as obras à exemplificação do estilo ou da época. Para tanto, sugerimos o encontro do verso e da viola, a partir das etapas propostas por Rildo Cosson, no que tange à Sequência Básica.

O planejamento foi motivado como um esboço à elaboração de propostas individuais dos docentes do curso de Letras com os gêneros literários, partindo do poema e suas nuances, foram consideradas as seguintes etapas:

- a) Delimitado o gênero a ser apresentado à turma, pensamos como **Motivação** as ressonâncias da cultura nordestina, recentemente ecoada pela televisão aberta com a telenovela “O cordel encantado”. Como premissa, organizamos portfólio com xilogravuras representativas, estrofes de poemas em cordel, adaptando histórias clássicas como *O Pequeno Príncipe*, adaptação intitulada *O Pequeno Príncipe em Cordel* (2015), do pernambucano Josué Limeira. Nessa etapa, o objetivo era promover a reflexão entre o externo que se faz interno no poema cantado por Chico Bento e Zé



Lelé, ambos personagens criados por Maurício de Sousa;

- b) No segundo momento, no qual provoca a **Introdução** de elementos relevantes ao autor e obra, suscitando os aspectos composicionais que promovam diálogos de entendimento da obra em sua primeira leitura. Nessa fase, acrescentamos a ênfase do ponto de vista, em que os olhares dos alunos serão considerados enquanto cerne para a compreensão do contexto da obra e suas conexões com o mundo contemporâneo, além do paralelo estabelecido entre o presente e o passado, aludindo à cultura nordestina no contexto universal;
- c) Deslocados de seu contexto original, que são as revistas em quadrinhos, Chico Bento e Zé Lelé mantêm suas identidades, apresentados em um novo suporte, composto por versos, agora cantados ao som da Viola e Rabeca. A **Leitura** da obra permite múltiplas interpretações, uma vez que suas estrofes tomam como mote o desafio: “Chico Bento é um violeiro/ Respeitado no sertão./ Zé Lelé toca a rabeca/ Com talento e inspiração./ Neste livro eles se encontram/ e eu proponho uma questão:/ Num torneio de poesia./ Qual dos dois sairá campeão?”.
- d) Para sua **Interpretação**, a obra que já foi lida pelos alunos em momentos anteriores, agora ganha à mediação do professor. Para esse momento, sugerimos a organização das considerações listadas pelos alunos, acrescentando apontamentos não observados pelos alunos, a exemplo da organização das estrofes, os efeitos sonoros que ecoam situações e/ou temas e como esses aspectos provocam os sentidos do leitor, sejam pelo apelo temático ou estético.

## Resultados e discussões

As questões norteadoras para o planejamento das atividades com *A Peleja do Violeiro Chico Bento com o Rabequeiro Zé Lelé* foram apresentadas aos alunos do curso de Letras como exemplificação que favorecesse a leitura do texto em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental, podendo ser adaptada para quaisquer faixas etárias, a depender do objetivo proposto. Neste caso, objetivamos aproximar os alunos do texto poético, estabelecendo contatos pelos diálogos com outros códigos da linguagem, ou seja, a sonoridade, seja ela composta pelo próprio verso ou ainda em composição melódica.

As ataduras impostas pelo uso do Livro Didático foram repensadas a partir do momento que a obra literária

foi observada em seu contexto original, isto é, conhecer a obra em suporte físico que não seja o recorte trazido no livro didático ou impressões avulsas, o que muitas vezes descaracterizam o gênero literário em questão. Nessa proposta, o gênero que antes era usado apenas como pretexto à norma gramatical, chega ao leitor com suas camadas, permitindo adentrar ao universo subjetivo, tanto da obra quanto do leitor.

Além da inquietação de que não há Ensino de Literatura nos anos iniciais logo foi redimensionada ao fato de que não há uma formação docente, o que acaba gerando o distanciamento do texto poético da sala de aula, uma vez que os professores não possuem familiaridade com a prática de leitura literária, inclua-se aqui a ausência de uma leitura extracurricular do professor, impeditivo que seja um professor-leitor. Não cabe aqui listarmos os motivos que impedem o hábito de leitura a esses professores, apenas destacamos que se torna entrave, uma vez que é crucial aos formadores de novos leitores serem um leitor.

Ainda como entrave, listamos o não saber planejar as etapas de uma atividade que se distancia ao modelo praticado pelo livro didático. Com isso não estamos diminuindo a importância desse material, porém, sugerindo que ele não se torne o único instrumento para o fazer pedagógico do professor, principalmente ao que tange ao Ensino de Literatura, uma vez que pede a sistematização da leitura literária, quase sempre deixada em segundo plano por esses manuais.

## Conclusão

Após relatar algumas situações tocantes ao (não) Ensino de Literatura, o que considerar como fechamento dessas ideias? Uma metodologia é possível? Além de uma metodologia possível, o que deve ser considerado quanto à formação docente? Não temos respostas para essas perguntas, porém, consideramos que a **Leitura Literária** permite maiores incursões aos seus leitores, sejam eles alunos ou professores.

Hoje a afirmativa de que o brasileiro ler pouco ou quase nada tem se modificado. No entanto, sendo a escola o lugar de formação leitora, o que falta para que essa função se efetive? Partiria do professor a promoção da leitura literária, aspecto que requer mais que um exercício repetitivo e/ou tecnicista da leitura em sala de aula; faz-se necessário que o texto seja apresentado ao educando, bem como mediado pelo professor, que deve pautar suas

atividades em etapas que agucem o hábito da leitura, ou seja, que transcenda o espaço escolar.

Sabemos que atividade como essa exige do professor maior dedicação, o que quase sempre é deixada de lado, uma vez que a carga horária semanal torna impossível o planejamento de novas atividades, sendo o Livro Didático o “salvador” de seus dias. Dessa forma, distancia-se a necessidade da realidade no que tange ao Letramento Literário em sala de aula, de modo que não se estabelece um aprendizado pelo texto poético se ele não for lido, sentido ou ainda adentrado, conjuntamente, às camadas pelos leitores (professores e alunos).

Por outro lado, cravamos em nossa memória de que é possível a leitura do texto poético em sala de aula, bem como um aprendizado sistematizado por etapas que contemplem uma apresentação e interpretação motivadoras às reflexões críticas, as quais tornem educandos em leitores participativos de uma sociedade imersiva em novos suportes e tecnologias.

## Referências

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

Brasil. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica.** Brasília: MEC, 1998.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** Coimbra: Editora Angelus Novus, 2004.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

PINHEIRO, Hélder. *Abordagem do Poema: Roteiro de um Desencontro.* In: **O livro didático de Português: múltiplos olhares.** (Orgs.). Angela Paiva Dionisio, Maria Auxiliadora Bezerra. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

PINHEIRO, Hélder. *Reflexões sobre o livro didático de literatura.* In: **Português no ensino médio e formação de professor.** (Orgs.). Clécio Bunzen, Márcia Mendonça. São Paulo: Parábola, 2006.

SOUSA, Mauricio de & SOMBRA, Fábio. **A peleja do violeiro Chico Bento com o rabequeiro Zé Lelé.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.